

Deborah Ellis

A VIAGEM DE PARVANA

Tradução
Carlos Orsi Martinho

ea
editora ática

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais da edição anterior.

Título original: *Parvana's journey*

Título da edição brasileira: *A viagem de Parvana*

© Deborah Ellis, 2002

Gerente editorial	<i>Fabricio Waltrick</i>
Editora	<i>Lavinia Fávero</i>
Editor assistente	<i>Leandro Sarmatz</i>
Preparadora	<i>Carla Mello Moreira</i>
Coordenadora de revisão	<i>Ivany Picasso Batista</i>
Revisoras	<i>Alessandra Miranda de Sá</i> <i>Liliane Fernanda Pedroso</i> <i>Rita Costa</i>

ARTE

Ilustração de capa	<i>Pascal Milelli</i>
Edição	<i>Cintia Maria da Silva</i>
Assistente	<i>Eduardo Rodrigues</i>
Editoração eletrônica	<i>Divina Rocha Corte</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

E43v

Ellis, Deborah, 1960-

A viagem de Parvana / Deborah Ellis ; tradução

Carlos Orsi Martinho. - São Paulo : Ática, 2012

144p.: (Vasto Mundo)

Tradução de: *Parvana's journey*

ISBN 978 85 08 15682-5

1. Guerra - Literatura infantojuvenil. 2. Afeganistão -
Literatura infantojuvenil. 3. Órfãos de guerra - Literatura
infantojuvenil. I. Martinho, Carlos Orsi. II. Título.

05-3632.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 15682-5 (aluno)

ISBN 978 85 08 10065-1 (professor)

Código da obra CL 737754

CAE: 271337

2014

2ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2006

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A todas as crianças que são
obrigadas a ser mais corajosas
do que precisariam ser.

Afganistão é onde se passa a maior parte desta história. Você sabe onde fica?





Foi um desconhecido quem deu a última batida no monte de terra que cobria o túmulo do pai de Parvana. O mulá¹ da vila já havia recitado a *jenazah*, a prece pelos mortos. O funeral estava terminado.

Pedras pequenas e pontudas machucaram os joelhos de Parvana quando ela se ajoelhou à beira do túmulo e começou a colocar ao redor dele as grandes pedras que tinha juntado. Punha cada uma delas devagar. Não havia motivo para pressa. Ela não tinha nenhum outro lugar para ir.

As pedras não eram suficientes. As que ela havia reunido só chegavam até a metade do retângulo de terra revolvida.

— Espalhe-as — disse um homem, e se inclinou para ajudá-la.

Espalharam as pedras, mas Parvana não gostou dos espaços entre uma e outra. Passou-lhe rapidamente pela cabeça a ideia de tirar pedras de outros túmulos, mas isso não lhe pareceu direito. Ela poderia encontrar mais pedras depois. Uma coisa que o Afeganistão possuía em abundância eram pedras.

¹ mulá — estudioso de religião e professor de islamismo.

— Levante-se agora, garoto — disse a ela um dos homens. O cabelo de Parvana era curto e ela vestia um xale e o *shalwar kameez*² simples de um menino. — Não há motivo para ficar na terra poeirenta.

— Deixe-o em paz — disse outro. — Ele está sofrendo pelo pai.

— Todos nós temos de enfrentar o sofrimento, mas não precisamos fazer isso no meio do pó. Venha, menino, ponha-se em pé. Seja o filho forte de quem seu pai tinha orgulho.

“Vão embora”, pensou Parvana. “Vão embora e deixem-me a sós com meu pai.” Mas não disse nada e ergueu-se, até ficar em pé. Ela limpou a terra dos joelhos e olhou ao redor, pelo cemitério.

Era um cemitério muito grande para uma vila tão pequena. Os túmulos se espalhavam caoticamente, como se os moradores achassem que cada pessoa enterrada ali seria a última.

Parvana se lembrou de ter desenterrado ossos num cemitério de Cabul com sua amiga Shauzia para ganhar dinheiro.

“Não quero ninguém desenterrando meu pai”, pensou, e resolveu empilhar tantas pedras sobre o túmulo, que ninguém viria incomodá-lo.

Ela queria falar dele às pessoas. Contar-lhes que ele tinha sido professor e que perdera uma perna quando a escola foi bombardeada. E que ele a amava e lhe contava histórias, e agora ela estava sozinha nessa terra tão grande e triste.

Mas ficou calada.

² *shalwar kameez* — conjunto de camisa (*kameez*) e calça (*shalwar*) usado por homens e mulheres. O *shalwar kameez* masculino é de uma só cor, com bolsos nas laterais e sobre o peito. O feminino tem cores e padrões diferentes e às vezes é bordado ou tem contas coloridas.

Os homens a seu redor eram, na maioria, velhos. Os mais jovens estavam mutilados; faltava-lhes um braço ou um olho ou um pé. Todos os demais jovens estavam na guerra ou mortos.

— Muita gente morreu aqui — comentou o homem que a havia ajudado. — Às vezes somos bombardeados pelo Talibã³. Às vezes pelo outro lado. Éramos fazendeiros. Agora somos alvos.

O pai de Parvana não tinha sido morto por uma bomba. Só havia morrido.

— Quem está com você agora, menino?

A mandíbula de Parvana doía enquanto tentava manter o rosto duro para não chorar.

— Estou sozinho — conseguiu dizer.

— Venha para casa comigo. Minha mulher cuidará de você.

Só havia homens ao redor do túmulo de seu pai. As mulheres tinham de ficar em casa. O Talibã não aprovava que as mulheres saíssem à rua desacompanhadas de um homem. Parvana já desistira de tentar entender por que o Talibã odiava as mulheres. Precisava pensar em outras coisas.

— Venha, menino — insistiu o homem. Sua voz era gentil. Parvana afastou-se do túmulo do pai e foi com ele. Os outros os seguiram. Ela podia ouvir o som das sandálias arrastando no chão duro, poeirento.

— Qual é o seu nome? — perguntou o homem.

— Cassim — respondeu Parvana, com seu nome de menino. Ela não pretendia confiar a ninguém sua verdadeira identidade. Se a revelasse,

³ Talibã — exército afegão que tomou o controle da capital, Cabul, em setembro de 1996 e foi expulso do poder em 2001.

poderia ser presa ou morta. Era mais fácil e seguro não confiar em ninguém.

— Primeiro vamos a seu abrigo retirar seus pertences. Depois iremos à minha casa.

O homem sabia onde Parvana e o pai haviam montado a tenda. Ele era um dos que carregaram o corpo do falecido para o cemitério. Parvana pensou que talvez fosse um dos homens que apareciam regularmente para ajudá-la a cuidar do pai, mas não tinha certeza. As últimas semanas estavam embaçadas em sua memória.

A tenda ficava na periferia da vila, montada junto a um muro de barro que desmoronara parcialmente na explosão de uma bomba. Não havia muito o que retirar. O pai tinha sido sepultado com todas as roupas que possuía.

Parvana engatinhou para dentro da tenda e começou a juntar suas coisas. Bem que ela queria ter alguma privacidade para poder chorar e pensar no pai, mas o teto e as paredes eram feitos de plástico transparente. Ela sabia que o homem podia vê-la. Então, concentrou-se no que precisava fazer e não se permitiu chorar.

Ela enrolou os cobertores e o *shalwar kameez* extra, pegou uma pequena vasilha usada para cozinhar e colocou tudo junto numa trouxa. Era a mesma trouxa que carregara numa longa viagem desde Cabul. Agora, teria de levar também os pertences de seu pai — a sacola a tiracolo onde ele guardava papel, canetas e fósforos, e o precioso pacote de livros que mantivera escondido do Talibã.

Parvana saiu carregando os pacotes consigo. Retirou o plástico que estava esticado sobre um canto da construção da tenda; dobrou-o e juntou-o aos cobertores.

— Estou pronto — disse ela.

O homem pegou um dos pacotes.

— Venha comigo — pediu ele, seguindo à frente pela vila.

Parvana não prestou atenção nas rústicas casas de paredes de barro e nos destroços provocados por bombas que compunham o caminho. Ela já havia visto muitos lugares assim, quando viajava com seu pai. Já não tentava mais imaginar como a vila tinha sido antes dos bombardeios, com as casas em bom estado, crianças brincando e flores desabrochando nos jardins. Quem tinha tempo para flores agora? Era muito difícil achar o que comer todos os dias. Ela caminhava com a cabeça baixa e chutava as pedrinhas.

— Eis minha casa. — O homem parou diante de um casebre de barro. — Cinco vezes minha casa foi destruída por bombas, e cinco vezes a reconstruí — disse ele, com orgulho.

Uma cortina de pano verde rasgado servia de porta à entrada. Ele a suspendeu e fez um gesto para que Parvana entrasse.

— Aqui está o menino de luto — disse ele à esposa. A mulher, agachada sobre um serviço de costura, pôs o trabalho de lado e se levantou. Parvana era jovem, portanto a mulher não pôs a burca⁴. Três menininhas olharam de um dos cantos da sala.

Por ser hóspede, Parvana recebeu o melhor lugar da casa escura, de um só cômodo. Sentou-se no

⁴ burca — roupa comprida, semelhante a uma tenda, vestida pelas mulheres. Cobre todo o corpo, da cabeça aos pés. Na altura dos olhos há uma tela. No Afeganistão, os Talibãs obrigaram todas as mulheres a usar burca quando saíssem à rua.

tapete mais grosso sobre o chão e tomou o chá que a mulher trouxe. O chá era fraco, mas o calor ajudou a consolá-la.

— Perdemos nosso filho — disse a mulher. — Morreu de uma doença, como duas de nossas filhas. Talvez você pudesse ficar e ser nosso filho.

— Tenho de encontrar minha família — respondeu Parvana.

— Você tem família, além do pai?

— Minha mãe, minha irmã mais velha, Nooria, minha irmã mais nova, Maryam, e meu irmãozinho, Ali. — Parvana reviu todos em sua mente, enquanto falava os nomes. Ela queria chorar de novo. Ela queria ouvir a mãe dizendo-lhe para fazer seus deveres, ou Nooria tentando lhe dar ordens, ou sentir o abraço dos pequeninos.

— Tenho família em muitos lugares também — disse a mulher. Ela estava prestes a contar mais, quando homens da vizinhança entraram na casa. Rapidamente pegou a burca pendurada na parede, vestiu-a e foi buscar chá para os homens. Em seguida sentou-se num canto, calada e sem expressão nenhuma.

Os homens se sentaram encostados à parede e olharam para Parvana. Eles também tinham estado no cemitério.

— Você tem familiares em algum lugar? — perguntou um deles.

Parvana repetiu seus nomes e dessa vez foi menos doloroso.

— Estão no Paquistão?

— Não sei onde estão — respondeu Parvana. — Meu pai e eu saímos de Cabul para procurá-los. Eles foram a Mazar-i-Sharif para o casamento de minha irmã, mas o Talibã tomou a cidade, e agora

não sei onde estão. Meu pai e eu passamos o inverno num campo ao norte de Cabul. Ele já estava doente, mas, quando veio a primavera, achou que estava forte o bastante para continuar a viagem.

Parvana não queria relembrar a crescente debilidade do pai. Por diversas vezes, pareceu-lhe que ele morreria no caminho, pelas terras desertas do Afeganistão. Quando chegaram àquela vila, ele simplesmente não podia prosseguir mais.

Durante muito tempo vagaram de vila em vila, passando por assentamentos provisórios e por grandes campos de refugiados de guerra. Houve vezes, na viagem, em que a tosse e a fraqueza dele eram tão intensas que o pai não conseguia nem sair da tenda. Nunca havia muita comida, e às vezes ele estava tão cansado que não comia nem o que tinham. Nessas ocasiões, Parvana saía pelo campo à procura, desesperada, do que pudesse abrir o apetite do pai, mas com frequência voltava de mãos vazias.

Ela não contou aos homens sobre esses tempos. Também não revelou que o pai estivera na prisão, detido pelo Talibã, por ter estudado na Inglaterra.

— Você pode ficar conosco nesta vila — disse um dos homens. — Você pode estabelecer um lar aqui.

— Tenho de encontrar minha família.

— Isso é importante — concordou um dos homens —, mas não é seguro vagar pelo Afeganistão sozinho. Você pode ficar aqui e continuar sua busca quando já tiver crescido.

O cansaço atingiu Parvana como um tanque de guerra. — Ficarei — respondeu ela. Estava cansada demais para discutir. A cabeça pendeu para a

frente, sobre o peito, e ela sentiu a dona da casa deitando-a e cobrindo-a com um cobertor.

Parvana permaneceu na vila por mais uma semana. Empilhou pedras sobre o túmulo do pai e tentou criar coragem para partir.

As meninas da família ajudavam-na a se sentir melhor. Ela brincava de barbante com as menores. A maior, que parecia apenas dois anos mais nova que Parvana, acompanhava-a todos os dias até o túmulo do pai e a ajudava a carregar e empilhar as pedras para mantê-lo em segurança.

Era reconfortante ter uma mãe para tomar conta dela, para cozinhar para ela e protegê-la, mesmo que não fosse sua mãe verdadeira. Isso a fazia se sentir com uma vida quase normal, em que podia observar as tarefas diárias de cozinhar e limpar.

Como hóspede, não era esperado que ela ajudasse nos afazeres domésticos, então Parvana passava a maior parte do tempo descansando e lamentando a morte do pai. Ela se sentiu tentada a ficar na vila e ser um filho para as boas pessoas que a haviam acolhido, pois a viagem que tinha pela frente seria longa e solitária. Porém, precisava encontrar seus familiares e sabia que não poderia se passar por um menino para sempre. Já tinha quase 13 anos.

Certa tarde, algumas crianças foram visitar Parvana.

— Você vem com a gente hoje? — perguntaram.

Fazia dias que elas pediam para Parvana acompanhá-las à principal atração da vila. Parvana sempre recusava, mas dessa vez ela disse:

— Tudo bem, vamos lá.

As crianças levaram-na pela mão até o alto de um morro ao lado da vila, oposto ao cemitério.

Ali, atrás de uns rochedos, estava escondido um tanque soviético⁵ enferrujado. As crianças subiram nele como se fosse uma gangorra, o que fez Parvana se lembrar vagamente dos tempos de escola em Cabul. Elas brincavam de batalha, atirando umas nas outras com os dedos até que estivessem todas mortas, e então começavam tudo de novo.

— Não é legal? — perguntaram a Parvana.
— Somos a única vila na área com seu próprio tanque.

Parvana concordou que o tanque era legal, mas não contou que já havia visto muitos outros deles e até aviões derrubados, também. Sempre os evitara, tinha medo de que os fantasmas dos soldados mortos saltassem dali para agarrá-la.

Na noite seguinte, Parvana foi acordada com uma sacudidela suave. Uma mão pequena cobriu sua boca para que não gritasse.

— Vamos lá fora — sussurrou uma voz em seu ouvido. A menina mais velha pegou os pacotes de Parvana e foi em silêncio para a porta. O restante da família dormia no aposento.

Parvana segurou as sandálias e o xale e engatinhou para fora da casa.

— Você precisa partir agora — disse a menina, assim que chegaram ao lado de fora. — Ouvi os velhos conversando. Eles vão entregar você para o Talibã. Alguns soldados vão passar por aqui qualquer dia desses, e os homens acham que o Talibã vai pagar dinheiro por você.

⁵ soviético — originário da União Soviética, país criado em 1917 e extinto em 1990, que incluía 15 repúblicas socialistas.

Parvana enrolou o xale nos ombros e calçou as sandálias. Ela tremia. Sabia que a menina dizia a verdade. Já havia ouvido muitas histórias como essa.

— Leve este pouco de comida e bebida — disse a menina, entregando a Parvana um embrulho de pano. — Foi o que tive coragem de pegar sem que me descobrissem. Talvez dure até que você chegue à próxima vila.

— Como posso agradecer?

— Leve-me com você — pediu a menina. — Minha vida aqui não é nada. Tem de haver um lugar melhor que este do outro lado daquelas colinas, mas não posso ir sozinha.

Parvana não conseguia encarar a menina. Se a levasse consigo, todos os homens da vila a seguiriam. A menina ficaria em dificuldades terríveis, por ter desonrado a família, e Parvana seria entregue ao Talibã.

— Volte para dentro — pediu Parvana, com dureza. — Não posso ajudar você. — Pegou seus pertences, virou-se rapidamente e caminhou para fora da vila sem olhar para trás.

Ela não parou de andar até ver o sol baixo no céu, na tarde do dia seguinte. Encontrou um lugar protegido do vento e contemplou a magnífica paisagem afegã. A terra era nua e rochosa, mas os montes tinham a cor do céu e, agora, emanavam um vermelho brilhante.

— Estou completamente só — disse ela em voz alta. As palavras voaram para longe.

Como ela queria ter alguém com quem conversar!

— Gostaria que Shauzia estivesse aqui. — Shauzia era sua melhor amiga. Em Cabul, ambas tinham fingido juntas ser meninos para ganhar di-

nheiro. Mas Shauzia estava em algum lugar do Paquistão. Não era possível falar com ela.

Ou talvez fosse. Parvana enfiou a mão na sacola do pai — sua sacola agora — e tirou dali uma caneta e um caderno. Usando a sacola como apoio, começou a escrever.

*Querida Shauzia,
Uma semana atrás, enterrei meu pai...*